

# O índio: um ser humano quase igual a nós!<sup>1</sup>

Simone Antoniaci Tuzzo & Claudomilson Fernandes Braga

Universidade da Maia - Ismai / Universidade Federal de Sergipe - UFS

Email: simonetuzzo@hotmail.com / milsonprof@gmail.com

## Resumo

Este artigo tem como objeto de estudo a análise do material jornalístico que enfoca o discurso de Jair Bolsonaro, presidente da República do Brasil, ou de seus integrantes do governo com relação às etnias indígenas durante a pandemia da Covid-19 nos anos 2020 a 2022, destacando o etnocentrismo bolsonarista, reforçado por seu negacionismo, populismo e pronunciamentos catastróficos, como a frase que intitula esse artigo e ilustra a posição de Bolsonaro com referência aos indígenas. A relação problemática construída com a imprensa; os constantes confrontos políticos no espaço midiático, deflagrados desde a época de sua campanha eleitoral, reforçam o problema das fake news, marca de um governo que adotou

as mídias sociais digitais como canais oficiais de comunicação. Em termos metodológicos, foram realizadas pesquisas de caráter triangular, sendo a pesquisa quantitativa baseada na Teoria Estrutural e a qualitativa baseada na Análise de Discurso Crítica. As principais conclusões apontam que as ações de combate à pandemia em relação aos indígenas são contraditórias, obscuras e equivocadas, o que robustece ainda mais a relação conflituosa do poder público com as etnias e compromete um processo de reparação que vinha em curso na última década, mas que faz agora o Brasil aproximar-se de uma anti-reparação.

Palavras-chave: Negacionismo; Pandemia; Indígenas; Bolsonarismo; Anti-reparação; Índio.

## Abstract

This article has as its object of study the analysis of journalistic material that focuses on the speech of Jair Bolsonaro, president of the Republic of Brazil, or his government members in relation to indigenous ethnicities during the Covid-19 pandemic in the years 2020 to 2022, highlighting the bolsonarista ethnocentrism, reinforced by its denialism, populism and catastrophic pronouncements, such as the phrase that titles this article and illustrates Bolsonaro's position with reference to indigenous people. The problematic relationship built with the press; the constant political confrontations in the media space, which began since the time of his electoral campaign, reinforce the problem of fake news, a hallmark of a govern-

ment that has adopted digital social media as official channels of communication. In methodological terms, triangular research was carried out, with quantitative research based on Structural Theory and qualitative research based on Critical Discourse Analysis. The main conclusions point out that the actions to combat the pandemic in relation to indigenous people are contradictory, obscure and mistaken, which further strengthens the conflicting relationship between the public authorities and the ethnic groups and compromises a process of reparation that had been underway in the last decade, but which now brings Brazil closer to anti-repair.

Keywords: Denialism; Pandemic; indigenous; Bolsonarism; Anti-repair; Indian.

---

1. Frase proferida pelo Presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, no dia 20 de janeiro de 2020. A frase foi dita em uma *live*, publicada em suas redes sociais, no contexto do anúncio da criação do Conselho da Amazônia, uma estrutura com o objetivo de coordenar ações em diversos ministérios do governo sobre assuntos voltados para a proteção, defesa e desenvolvimento sustentável da Amazônia, chefiada pelo vice-presidente da República, General Hamilton Mourão.

---

Data de submissão: 2022-06-19. Data de aprovação: 2022-09-28.

Revista Estudos em Comunicação é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *LabCom – Comunicação e Artes*, UIDB/00661/2020.

## Introdução

Fazendo um levantamento histórico dos indígenas no Brasil e, segundo Borges (1999), depois de constatar os diversos ciclos de doenças, atos perversos, omissões covardes e oportunistas ao longo da História do Brasil, que levaram os índios a mortes coletivas ocasionadas por gripes, doenças respiratórias e viroses, isso para citar somente algumas das doenças transmitidas pelo homem branco e para as quais os indígenas não possuem medicamentos ou estrutura social para combater, temos uma quase certeza de que, em muitos momentos, vários líderes protagonistas de sua época (de colonizadores a religiosos ou políticos) olham para os indígenas e pensam tratar-se de uma espécie paralela ao ser humano, algo à parte da humanidade, como se fossem seres que não morrem.

As comunidades indígenas teimam em existir, resistem e sobrevivem, mesmo estando claro, em muitos momentos históricos, que não existe interesse político em ajudar, salvar, reconhecer, demarcar terras e territórios, lutar pela vida desse povo.

Na prática, é claro que os indígenas morrem, e muito. O número de indígenas mortos em mais de 500 anos após o descobrimento do Brasil deixa claro que muitos indígenas não morrem de forma natural, mas por doenças, atos e omissões sociais e políticas dos que possuem mais interesse na morte do que na vida dos indígenas. Contudo, é certo que podemos falar de quase uma resistência deste povo heroico que, mesmo de modo vulnerável, resiste e grita da forma que pode, clamando para ser visto, ouvido e respeitado e, como na letra do Hino Nacional Brasileiro (1831), vive na esperança de que um dia a pátria amada e idolatrada ouça desse povo heroico o brado retumbante.

O antropólogo Henry F. Dobyns (1966) chamou de ‘Cataclismo biológico’ os efeitos das epidemias trazidas, ao longo dos vários anos, pelos invasores europeus para as populações ameríndias. Segundo ele, seria quase impossível colocar em uma linha do tempo esses acontecimentos, tendo em vista a própria imprecisão de datas por diferentes registros, mas é possível pensar nos principais e mais catastróficos episódios, narrados desde 1554, quando um jesuíta escreveu em uma de suas cartas que uma grande epidemia havia levado à morte muitos cristãos e indígenas. De lá até a Covid-19, são vários os relatos de povos indígenas que chegam a ser dizimados. (Cunha, 2012).

A Covid-19 não afetou somente a população indígena, tampouco selecionou países ou etnias, mas os indígenas, mais uma vez, sofreram um impacto diferente com a epidemia deflagrada em 2019, abalando o planeta em 2020 quando a humanidade se viu diante de uma crise sanitária invulgar em sua história recente, só comparada com a gripe espanhola do início do século XX, que dizimou mais de 50 milhões de pessoas pelo mundo.

Em estado de pandemia, a humanidade precisou adotar comportamentos preventivos para evitar a contaminação em massa. O Brasil, além de tudo que uma pandemia provoca e ocasiona, teve também o desafio do negacionismo<sup>2</sup> do governo federal e de toda uma gama de seguidores que insistem nessa tomada de posição, tendo que ouvir do líder da nação frases como: ‘a Covid-19 é só uma gripezinha’; ‘todos vamos morrer um dia’; ‘e daí?’; ‘cobrem atitudes de seus governadores’; ‘não precisa entrar em pânico’; ‘a vida é assim, amanhã vou eu’; ‘está superdimensionado, o poder destruidor desse vírus’, demonstrando nenhuma empatia com as dores das famílias dos falecidos ou a busca por ações estratégicas para o combate à pandemia, tendo em vista que a vida é assim mesmo<sup>3</sup>. Além disso, apostou em remédios cientificamente ineficazes como *Cloroquina*, *Hidroxicloroquina* e *Ivermectina*, além da sugestão do contágio em massa, objetivando uma imunidade de rebanho.

---

2. Considerado como negação da realidade para conviver com uma situação confortável, o negacionismo bolsonarista se refere, sobretudo, negar a Ciência e tudo aquilo que ela apresenta como resultante de pesquisas. E, para tanto, utilizar de discursos controversos e ações para fortalecer sua posição diante da Covid-19.

3. As frases foram ditas em coletivas de imprensa; na *live* semanal de Jair Bolsonaro ou a apoiadores nos jardins do Palácio

Somam-se a isso os comentários adicionais do tipo: ‘quem tomar vacina vira jacaré’; ou ‘os vacinados têm muita chance de contrair o vírus da Aids’, desrespeitando a ciência, demitindo Ministros da saúde que não concordassem com a falta de plano governamental; busca por vacinas ou estratégias de combate à pandemia.

A sociedade convive com o deboche, a ineficácia, a falta de liderança política e sanitária, em uma clara alusão de que parece que a morte cai bem não somente aos indígenas, mas à população brasileira.

O presidente da república do Brasil, Jair Messias Bolsonaro possui várias marcas proeminentes em seu governo, com ênfase para o etnocentrismo marcado de forma individual e reforçada pelos vários membros de sua família que integram diversas posições governamentais em âmbito nacional, como por exemplo, seus filhos que ocupam cargos no senado federal e na câmara dos deputados federais em Brasília. Soma-se a esta realidade o populismo constituído desde a sua controversa campanha para presidência quando, entre várias atitudes polêmicas, decidiu desacreditar a mídia em seus mais diversos órgãos, impressos e eletrônicos, assumindo a produção de sua comunicação com o uso de seus canais pessoais nas redes sociais.

Bolsonaro venceu as eleições no Brasil em 2018 e assumiu o poder em janeiro de 2019 após a construção de uma nação absolutamente dividida entre aqueles que se tornaram fanáticos pelos discursos misóginos, sexistas, machista, mas, sobretudo, negacionista e aqueles que o odeiam.

O discurso bolsonarista que deixa parecer ser firmado em um pensamento retrógrado, como será apresentado ao longo deste artigo, encontra eco nesses milhões de fanáticos, cuja demonstração de apoio ocorre em diversas manifestações que acontecem pelo país<sup>4</sup> reforçado por instituições sociais e religiosas que apoiam as ações governamentais ignorando problemas econômicos, políticos, de segurança, transporte, saneamento básico, entre outros.

Assim, a pandemia revelou-se no Brasil por várias fases e várias faces, atingindo a todos de forma geral, mas alguns de forma muito particular, quer seja pelos problemas de moradia, falta de condições de isolamento social, desemprego, ou problemas ligados à própria estrutura de saúde.

Em um cenário caótico, o negacionismo, revelado pelo líder de opinião maior da nação, ou seja, o presidente da república, foi determinante para que a sociedade ficasse ainda mais dividida entre o que fazer e o que não fazer diante de uma doença grave, sem comando para seu controle.

Muitas foram (e ainda estão sendo) as consequências dessa postura governamental, entre elas a revelação de vulnerabilidade de alguns grupos sociais. Diante deste cenário, este trabalho busca analisar materiais jornalísticos que enfocam o discurso de Jair Messias Bolsonaro, presidente da República do Brasil, ou de seus integrantes do governo, com relação às etnias indígenas durante a pandemia da Covid-19 nos anos 2020 a 2022 que ilustram a posição do governante do Brasil com relação aos indígenas.

O indígena é o símbolo de uma resistência, de um povo que insiste em viver, que luta sozinho, e que se vê absolutamente vulnerável diante de um governo que nega a vida, que não se compadece com a morte, que responde sobre cada um dos brasileiros com indiferença, colocando-se como um modelo a ser seguido e de forma etnocêntrica, coloca a sua família como seres acima e à parte da existência social<sup>5</sup>.

do Planalto – Residência oficial do Presidente da República do Brasil. Foram amplamente divulgadas pela mídia impressa e eletrônica nacional e internacional. A mais polêmica, quando Jair Bolsonaro classificou o vírus da Covid-19 como uma gripezinha, foi dita pela primeira vez em março de 2020 e, além de iniciar uma discussão pelo seu teor, também foi alvo de críticas pelo erro gramatical, tendo em vista que o diminutivo da palavra gripe é gripinha, e não gripezinha, como incorretamente falou o presidente.

4. Sobre notícias de apoio às falas e atitudes do Presidente Jair Bolsonaro ver: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/03/4997247-apoiadores-de-bolsonaro-fazem-ato-de-protesto-contra-o-supremo.html>

5. *Discurso de Bolsonaro escancara que a família está acima de tudo*. Jornal Folha de S. Paulo. Jornal Correio Braziliense. [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/25/interna\\_politica,848153/discurso-de-bolsonaro-es-cancara-que-a-familia-esta-acima-de-tudo.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/25/interna_politica,848153/discurso-de-bolsonaro-es-cancara-que-a-familia-esta-acima-de-tudo.shtml)

Fruto de um passado colonial ainda ativo na sociedade contemporânea, a relação social e governamental com as etnias indígenas nunca foi totalmente resolvida. O indígena ora é esquecido, ora é agredido das mais variadas formas, como a indiferença, por exemplo.

É neste contexto complexo que o Grupo de Pesquisa Mídia, Imagem e Cidadania – MIC, buscou investigar a partir de duas perspectivas metodológicas o fenômeno da Covid-19 no Brasil e as suas consequências diretas com as etnias indígenas em função de um governo populista e negacionista.

Em termos metodológicos, foram realizadas pesquisas de caráter triangular (quantitativa e qualitativa), (Tuzzo & Braga, 2016), sendo a quantitativa baseada na Teoria Estrutural (Abric, 1998) e a qualitativa baseada na Análise de Discurso Crítica (Fairclough, 2016).

Os principais resultados apontam no sentido de que o negacionismo reflete ações do presente, ao mesmo tempo refutando políticas públicas que se referem ao passado. Apesar de um discurso garantidor da vida e das diferenças, o bolsonarismo camufla sua fala e atribui ao outro (à mídia, por exemplo) os problemas da sua incapacidade de gestão. Assim, sempre será culpa do outro, externo ao governo, as mortes pela Covid-19, as queimadas na Amazônia, a morte dos indígenas.

## **1. COVID-19**

Em fevereiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde - OMS passou a denominar uma doença desconhecida, vinda do coronavírus, de Covid-19. O nome é uma junção das primeiras sílabas das palavras CORona VIRus Disease (doença do coronavírus) e 19 faz referência ao ano em que foi descoberto, 2019, na China, com os primeiros casos na cidade de Wuhan. Mas nem a China, tampouco Wuhan fazem parte da denominação do vírus. Isso porque a OMS faz questão de deixar claro que a doença não está ligada ao País. A importância dessa nomenclatura científica pode ser compreendida se nos voltarmos para a pandemia de 1918-1919, quando o mundo tomou conhecimento de um vírus que matou 50 milhões de pessoas (algumas estatísticas afirmam ser 100 milhões), que ficou conhecido como gripe espanhola, apesar de não ter surgido na Espanha.

De fato, o surto aproveitou-se da primeira guerra mundial e espalhou-se pelo mundo. Tratava-se do vírus influenza que foi divulgado pela imprensa espanhola e rapidamente propagado como a gripe que veio da Espanha, sendo, ainda hoje, conhecido como gripe espanhola, apesar de sabermos que não teve lá a sua origem. Assim, para evitar a estigmatização de qualquer grupo ou país, a OMS denominou o vírus da Covid-19 com um nome oficial, que não fizesse alusão a uma localização geográfica, um animal, um indivíduo ou grupo de pessoas, e que também fosse pronunciável e relacionado à doença, sendo catalogado e adotado pela comunicação de todos os países, tendo também a função de não ser confundido com outras doenças.

A princípio, o Comitê Internacional de Taxonomia de Vírus designou o vírus como SARS-CoV-2. No dia 31 de dezembro de 2019 ele foi relatado à OMS, que passou a denominá-lo Covid-19, servindo de padrão para futuros surtos de coronavírus caso eles venham a acontecer.

## **2. Pesquisas de campo – a voz do povo, a voz da mídia!**

Para este artigo foram realizadas pesquisas de caráter triangular (quantitativa e qualitativa), sendo a quantitativa baseada na Teoria Estrutural (Abric, 1998) e a qualitativa baseada na Análise de Discurso Crítica – ADC (Fairclough, 2016).

A pesquisa empírica teve início no segundo semestre de 2020, quando a doença no Brasil toma forma de epidemia grave, e teve como objetivo compreender como os brasileiros estavam à época convivendo com a doença e com todas as mudanças sociais que ela acarretou e, de certa maneira, ainda acarreta.

A metodologia triangular, conforme Tuzzo & Braga (2016) compreende enxergar o objeto por todos os prismas possíveis, dando ênfase primordialmente ao problema pesquisado.

A primeira pesquisa teve como referência metodológica a Teoria Estrutural desenvolvida por Jean Claude Abric (1998), no Laboratório de Pesquisa em Representações Sociais da Université de Provence, e buscou compreender como os brasileiros entendiam a Covid-19 a partir de um cenário complexo e de modo particular, permeado pelo negacionismo. No segundo semestre de 2021 e primeiro semestre de 2022 foram realizadas as pesquisas com base no discurso midiático com a metodologia da Análise de Discurso Crítica sobre as matérias jornalísticas das ações (ou indiferenças) do governo, publicadas na mídia impressa ou eletrônica, com referência às etnias indígenas do Brasil. A ACD é uma abordagem transdisciplinar ao estudo dos textos, que considera a “linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual” (Fairclough, 2016, p. 94).

## 2.1. A percepção dos brasileiros sobre a Covid-19

A amostra foi composta por 148 pessoas (n=148) de ambos os sexos, com uma faixa etária média de 30,6 (m=30,6) anos, residentes no Centro-Oeste do Brasil, uma região que compreende os estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, além do Distrito Federal, onde se localiza a cidade de Brasília, cuja população é majoritariamente resultante do processo migratório dentro do país, o que permite compreender que a amostra é representativa da população brasileira.

O processo amostral que constitui este estudo é classificado como não probabilístico aleatório simples, já que todas as pessoas tiveram a mesma oportunidade de serem sujeitos da coleta.

A coleta se deu por meio de formulário online compartilhado e (re)compartilhado pelas mídias sociais Facebook e WhatsApp, para grupos de pessoas diversos. A pesquisa se classifica como triangular visto que as questões elaboradas buscavam identificar, no objeto, respostas quantitativas e qualitativas. As questões fechadas se classificam como quantitativas do tipo Likert.

Com uma escala de 7 (sete) pontos, as questões fechadas questionam os sujeitos da pesquisa sobre o seu grau de concordância e discordância em relação aos seguintes aspectos: distanciamento social; decisões dos governos federal e estadual em relação à Covid-19; informações divulgadas pela mídia (jornais impressos, televisão, rádio, internet, incluindo as mídias sociais digitais).

Na escala, o número 1 significa a maior discordância, e o 7 a concordância máxima.

As questões qualitativas foram elaboradas conforme metodologia das evocações livres e, para tanto, foi solicitado aos sujeitos da pesquisa que citassem cinco palavras ou expressões que vinham à sua mente quando ouviam cada um dos seguintes termos indutores: ‘Covid-19’ e ‘vítimas do novo coronavírus’, permitindo evidenciar universos semânticos relacionados ao objeto da pesquisa.

O processo de análise elegeu, como procedimento, o arcabouço metodológico desenvolvido no âmbito da Teoria Estrutural, e teve como auxílio o software Open Evoc, elaborado por Pierre Vergès (2002), e com base nesse processamento chegou-se ao provável núcleo central e sistema periférico da representação social da Covid-19. O software Open Evoc permite a realização de cálculos estatísticos, construindo matrizes de co-ocorrências, que servem de base para a construção do quadro de quatro casas, assim como os softwares SPSS, também usado nessa pesquisa.

Conforme Vergès (2002), os quatro quadrantes podem ser assim interpretados: no primeiro situam-se os elementos mais relevantes, possíveis de constituírem o núcleo central de uma representação, sendo os mais prontamente evocados e citados com frequência elevada pelos sujeitos; o segundo e o terceiro quadrantes correspondem aos elementos menos salientes na estrutura da representação, contudo eles são significativos em sua organização, sendo que, no segundo quadrante estão os elementos que obtiveram uma frequência alta, mas que foram citados em últimas posições, e, no terceiro quadrante, os

elementos que foram citados numa frequência baixa, porém foram evocados primeiramente; no quarto quadrante estão os elementos que correspondem à periferia distante ou segunda periferia. Nele estão os elementos menos citados e menos evocados em primeira mão pelos sujeitos.

**2.1.1. Resultados e análises**

**2.1.1.1. Análise Qualitativa - Termo Indutor ‘Covid-19’**

**Figura 1: Quadrante Quatro Casas - Tabela Frequência x Ordem de Evocação (TabFreq) (N = 148)**

<b>++</b> <b>Frequência &gt;= 0.16 /</b> <b>Ordem de evocação &lt; 3,5</b>	<b>+-</b> <b>Frequência &gt;= 0.16 /</b> <b>Ordem de evocação &gt;= 3,5</b>
10.58%    Morte	3.79%    Doença
5.53%    Medo Pandemia	3.79%    Isolamento Social
4.27%    Quarentena	
<b>-+</b> <b>Frequência &lt; 0.16 /</b> <b>Ordem de evocação &lt; 3,5</b>	<b>--</b> <b>Frequência &lt; 0.16 /</b> <b>Ordem de evocação &gt;= 3,5</b>
Crise	Contaminação
Contágio	Doente
	Enfermeira

Os resultados representacionais referentes ao NC – Núcleo Central ‘Covid-19’ e os sistemas periféricos indicam, conforme a Figura 1 acima, que para os pesquisados, a pandemia representa, sobretudo, risco de morte (10.58%), causando medo (5.53%) na população. Importante lembrar que os percentuais não fazem referência ao número de respondentes, mas sim ao volume de discurso. Assim, compreende-se que mais de 10% do discurso proferido é sobre morte, o que reflete um alto índice.

Além disso, apesar deste sentimento de medo da morte não ser muitas vezes expressado, ele representa o principal sentimento que parece circular entre os sujeitos da população. Dito de outra forma, a população receia o contágio, pois tem o sentimento de que pode morrer, ainda que expresse isso de outras formas, conforme demonstram os outros quadrantes.

Na primeira periferia (quadrante superior direito) as expressões mais evocadas foram ‘isolamento social’ e ‘doença’ expressando com clareza a compreensão da população em relação à pandemia. Se doença expressa a realidade vivida, o isolamento representa o único procedimento de proteção existente para se proteger do contágio, lembrando que a pesquisa foi realizada antes da descoberta e aprovação das vacinas contra a Covid-19.

Se por um lado o medo da morte, em função do contágio, parece ser uma crença subjacente, ainda pouco expressada, apesar de sentida, o isolamento como forma de proteção contra a doença foi a atitude mais compreendida pela população.

O isolamento, contudo, que por um lado representa a única forma de conter o avanço dos casos de Covid-19, também expõem a realidade nacional pouco (re) conhecida pela maioria da população brasileira, ou seja, a única forma de conter o contágio revela uma camada enorme da população subempregada, sem renda, em atividade informal, sem acesso às políticas públicas de saúde, de higiene e de renda.

Em outros termos, o mesmo isolamento que salva vidas inibindo o contágio e a contaminação, provoca mortes, pois retira todas as possibilidades de aquisição de renda que garanta a sobrevivência da população que vive na informalidade e/ou está desempregada. Um paradoxo que expressa, provavelmente, o sentimento e a crença de que a Covid-19 é representada pela expressão ‘morte’. Morte pelo contágio quando não se isola; morte pelo não contágio quando, ao isolar-se, deixa de ter suas necessidades básicas atendidas.

As terceira e quarta periferias (quadrante inferior esquerdo e quadrante inferior direito, respectivamente) indicam aspectos da vivência cotidiana da população em relação à pandemia, ou seja, os termos evocados expressam o dia a dia, a rotina, os diálogos existentes. Ao contrário das periferias, o NC – Núcleo Central acaba sendo aquele sentimento existente e pouco ou nunca expressado pelos sujeitos, pois indicam as memórias coletivas que os indivíduos ou grupos têm em relação ao objeto.

É partir de seu núcleo central que o consenso se estabelece, que a homogeneidade do grupo se concretiza em termos de sentimentos e crenças. Neste sentido, podemos afirmar que, provavelmente, a população investigada de modo particular e a população em geral, alimentam o sentimento de medo da morte em decorrência da pandemia pelo novo coronavírus.

### 2.1.1.2. Análise Qualitativa - Termo Indutor - “vítimas do novo coronavírus”

Quando evocados sobre o tema que envolve as vítimas do novo coronavírus, os entrevistados indicaram como NC as expressões ‘tristeza’, ‘morte’, ‘família’ e ‘medo’.

**Figura 2: Quadrante Quatro Casas - Tabela Frequência x Ordem de Evocação (TabFreq) (N = 148)**

<b>++</b> <b>Frequência &gt;= 0.16 /</b> <b>Ordem de evocação &lt; 3,5</b>	<b>+-</b> <b>Frequência &gt;= 0.16 /</b> <b>Ordem de evocação &gt;= 3,5</b>
1.90%    Tristeza	2.84%    Dor
2.33%    Morte	3.27%    Preocupação
2.68%    Família	Hospital
2.44%    Medo	Bolsonaro
<b>-+</b> <b>Frequência &lt; 0.16 /</b> <b>Ordem de evocação &lt; 3,5</b>	<b>--</b> <b>Frequência &lt; 0.16 /</b> <b>Ordem de evocação &gt;= 3,5</b>
Isolamento	Desespero
UTI	Angústia
Luto	Raiva
Sofrimento	Política

O quadrante acima (Figura 2) indica o contexto de sofrimento das vítimas e das famílias envolvidas. Ao contrário do NC da Covid-19 onde a morte ainda é um sentimento, na figura 2 ela passa a ser uma realidade, muitas vezes próxima, pois muitas pessoas internadas faleceram, explicando o sentimento de tristeza expressado pelos entrevistados. Na primeira periferia (quadrante superior direito) expressões como ‘dor’, ‘preocupação’, ‘hospital’ e ‘Bolsonaro’ indicam o sentimento vivenciado, partilhado pela população em relação à pandemia. Sentimento representado pela perda, pela angústia de hospitalizações, pela preocupação em se contaminar, pela descrença, pela ausência de diretrizes por parte do Governo Federal que assume uma postura de negação em relação à crise, cujo discurso tenta desacreditar a ciência e os especialistas em epidemiologia do país.

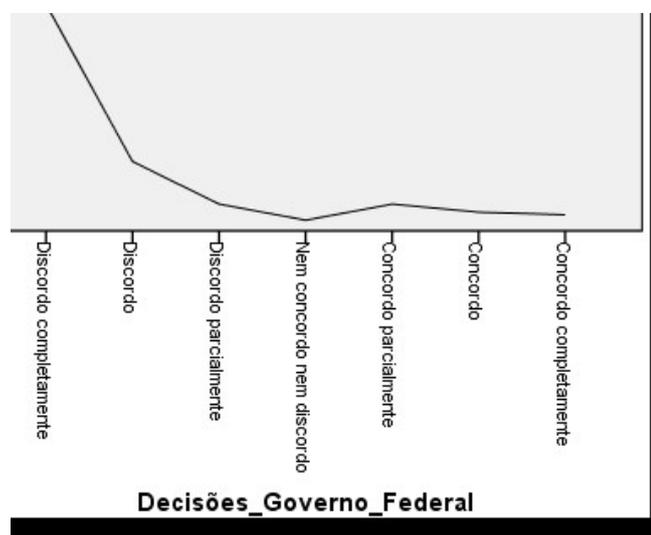
As demais periferias (terceira e quarta) traduzem o sentimento de angústia e desespero da população, cujas expressões evocadas dão a exata noção deste sentimento: UTI, luto, sofrimento, raiva, política. A expressão ‘morte’ se mantém como NC em ambas as evocações e ambos os quadrantes revelam o medo da morte. Na primeira figura no primeiro quadrante (superior esquerdo), medo de ‘morrer’ caso venha a se contagiar; e na segunda figura primeiro quadrante (superior esquerdo) medo de ‘morrer’ por estar contagiado.

A expressão ‘isolamento’ que na evocação da figura 1 se posicionou na primeira periferia como sendo a prevenção possível, na figura 2 aparece na terceira periferia (quadrante inferior esquerdo) onde falamos de pessoas contaminadas, provavelmente internadas e, neste aspecto, o isolamento não faz mais sentido, pois já ocorreu o contágio. O isolamento perdeu o significado e a eficácia.

### 2.1.1.3. Análises quantitativas

Outros levantamentos particulares da coleta também revelaram aspectos representacionais significativos. Sobre a importância do isolamento social os sujeitos indicaram um grau elevado de concordância. A maioria dos entrevistados, 78 sujeitos, indica uma posição completamente favorável ao isolamento social (52.7%) e 43 sujeitos se dizem favoráveis (29.1%). Ou seja, 81.8% dos entrevistados são favoráveis ou muito favoráveis ao isolamento.

Com uma correlação de 0.842% entre gêneros e isolamento, sugere que todos os entrevistados percebem o isolamento como sendo fundamental no processo de prevenção. Isso se corrobora ainda mais quando observamos que os entrevistados discordam das diretrizes defendidas pelo Governo Federal, cuja posição contrária ao isolamento é pública (Gráfico 1).



Declaradamente contra o isolamento, o Governo Federal se posiciona na contramão da Ciência e dos especialistas do mundo e do Brasil, e os entrevistados têm esta percepção com clareza e revelam esse sentimento na pesquisa, onde a grande maioria (81.8%) é contrária às decisões do Governo Federal.

Este é um dado que se confirma quando apenas 25% dos entrevistados discorda das decisões dos Governos Estaduais contra 81.8% em relação ao Governo Federal. Ou seja, as ações de combate à pandemia foram assumidas e implementadas quase que exclusivamente pelos Governos Estaduais. Se por um lado os Governos Estaduais gozam de elevado percentual de confiabilidade (63.4%), o mesmo não se pode atribuir aos veículos de mídia, aqui compreendidos como o conjunto de veículos de mídia tradicional (televisão e jornais impressos) que atuam no sentido de atualizar a população sobre os números que envolvem a Covid-19, tais como: Rede Globo, Folha de S.Paulo, Jornal O Globo etc., cujo resultado fica em 33,8% no que se refere à confiabilidade em relação à pandemia.

Este é um resultado importante, pois a transparência e a informação são fundamentais no combate. Todavia, chama a atenção os episódios de fake news que se têm observado neste contexto. Em outros termos, apesar da mídia ter um papel preponderante no combate e nos esclarecimentos em relação à Covid-19, ela (a mídia) ainda padece de um estigma ideológico que tem marcado as disputas recentes no país e também carrega o estigma de ser pelas mídias, sobretudo as digitais, que falsas notícias tem se espalhado no ambiente informacional. A própria fala de negação e descrédito da mídia advinda do governo federal coloca parte da sociedade em dúvida sobre quem diz a verdade, a mídia ou o governo.

Em outros termos, o negacionismo estabelecido no país dá conta de negar direitos e segregar grupos minoritários. A prova dessa situação é a quantidade de mortes no país, em decorrência da Covid-19 – mais de 668 mil pessoas até junho de 2022 e a quantidade de pessoas em situação de vulnerabilidade e desemprego. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, há no Brasil mais de 12 milhões de pessoas desempregadas, a maioria formada por negros e periféricos. Outro dado alarmante e entristecedor é de que morreram de Covid-19 mais negros do que brancos, revelando um descaso histórico com essas populações.<sup>6</sup>

Com relação aos indígenas a situação é ainda mais precária. O governo federal enviou às tribos Ianomamis<sup>7</sup>, uma das diversas etnias que reside na região do estado brasileiro do Amazonas, onde vivem aproximadamente 35 mil indígenas, cerca de 135 mil comprimidos de Hidroxicloroquina, para uso contra a Covid-19 como tratamento precoce, um medicamento comprovadamente ineficaz contra a doença, inclusive desclassificado pela OMS – Organização Mundial da Saúde.

Esses são breves exemplos do negacionismo de um governo de características populistas que nega a existência da diferença e além de negar a ciência, nega a história e, ao fazê-lo, nega a possibilidade de reparar erros históricos ocorridos no processo civilizatório nacional.

## 2.2. O índio: um ser humano quase igual a nós!

Entre as inúmeras declarações consideradas desastrosas por políticos de oposição e jornalistas, proferidas pelo Presidente sobre o tema da Covid-19, as alusivas ao índio ganham um caráter ainda mais dramático.

No dia 20 de janeiro de 2020, Bolsonaro afirma que “com toda a certeza, o índio mudou, está evoluindo. Cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós. Então temos de fazer com que o índio se

6. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE a pandemia não é a mesma para todos. A assertiva pode ser verificada a partir de dois estudos realizados sobre a pandemia, sendo um do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, grupo da PUC-Rio e outro do Instituto Pólis. Disponível em <https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil>

7. Os povos Ianomamis são na atualidade a maior tribo indígena residente em uma mesma área geográfica a norte do Amazonas e ocupam uma área de reserva superior ao tamanho de Portugal.

integre à sociedade” (Jornal de Notícias, 2020). A frase foi dita em uma *live*, publicada em suas redes sociais no contexto do anúncio da criação do Conselho da Amazônia, uma estrutura com o objetivo de coordenar ações em diversos ministérios do governo sobre assuntos voltados para a proteção, defesa e desenvolvimento sustentável da Amazônia, chefiada pelo vice-presidente da República, General Hamilton Mourão.

Após a divulgação do vídeo, diversos órgãos de imprensa propagaram a afirmação considerada racista.

O nome índio foi dado por Cristóvão Colombo que, ao chegar às Américas pensou ter chegado às índias, descobrindo um novo caminho. Errou, mas batizou os nativos que encontrou com o nome de índios.

E assim ficou, e assim foram sendo propagadas ao longo dos anos, dos séculos uma história de índios contada por quem podia contar, contada não pelos indígenas, mas por aqueles que os dominavam, entre eles governantes e líderes religiosos, detendo, também, o poder da comunicação. Andrade (2001) afirma que:

Partindo de uma categoria central, a ideia de nação, luso-centrista, os guardiões institucionais da literatura nacional (universidades, imprensa, academias) teriam erigido, no momento da Independência, um cânone mistificador, conferindo grandeza e interesse a obras pífias, mas que serviam a causa suspeita, soterrando vozes e tradições alternativas (indígenas ou imigrantes), legitimando injustiças e até aberrações sociopolíticas, como o escravismo, tudo de caso pensado. O panteão canônico ruiria por rarefação e pouca qualidade se sistematicamente confrontado com padrões de excelência e modelos universais. (Andrade, 2001, pp. 18-19)

Assim, quando o presidente da república nega a função da mídia como intermediação das ações políticas para a sociedade e passa a criar sua própria comunicação de forma direta, acaba por assumir o domínio da política e da comunicação, dois eixos fundamentais de desenvolvimento da sociedade. Em várias declarações o presidente afirmou que além de se comunicar pela internet, ele também se informa pelas redes sociais.

O modelo adotado por Bolsonaro é similar ao comportamento de setores classificados usualmente como “nova direita conservadora”, com grupos que de forma sutil, mas frequente, ameaçam a democracia e veem a internacionalização como uma ameaça. A este discurso também se soma a defesa à religião, à família, à moral e aos bons costumes. O modelo que encontra eco em vários países, como o Brasil, deriva de uma visibilidade conquistada com a eleição do ex-presidente Donald Trump, dos Estados Unidos, com poucas variações de lideranças, que condenam a imigração e as ações de defesa ao meio ambiente.

O chamado bolsonarismo (movimento político/ideológico capitaneado pelo presidente sem partido, Jair Messias Bolsonaro e por seus filhos que também integram instâncias governamentais) envolve qualidades específicas, como o fortalecimento das religiões fundamentalistas e a insatisfação de médios e pequenos produtores do agronegócio, que veem na preservação do meio ambiente prejuízo para seus negócios. Esses vínculos dão suporte aos discursos patriarcais do presidente e levam seus apoiadores a exaltarem o passado autoritário do Brasil.

Vale destacar que a sociedade dividida entre os apoiadores e os contrários às ações de Bolsonaro ganhou status de clara divisão a partir dos recentes governos de esquerda serem classificados como corruptos. A verdade é somente uma versão dos fatos, e o que aparenta ser uma visão retrógrada não esconde a aposta dessa nova direita no uso da informação como objeto de consolidação de poder. Publicado pela primeira vez em 1967 na revista *New Yorker*, o ensaio *Verdade e Política* de Hannah Arendt (1997) coloca a questão de que existe um conflito entre “a verdade” e a “política”.

Nesse contexto, com relação à nova direita brasileira, é possível observar a divulgação de versões de uma realidade ou até mentiras que possam beneficiar o poder. Dessa forma ao produzir seu próprio conteúdo comunicacional, nega qualquer informação advinda das mídias tradicionais nomeando-as de fake News, em uma clara inversão dos fatos.

Uma vez que o *ethos* que baliza a atividade jornalística se firma na verdade e na imparcialidade, as ações promovidas pela “nova direita”, reafirmam o tensionamento entre o Estado e a imprensa. Ainda que no Brasil, a relação entre a mídia e a política seja percorrida por propriedades e interesses cruzados, atritos entre os objetivos da imprensa e o Estado podem ser citados até mesmo durante situações de censura do governo militar (Mattos, 2005).

É nesse sentido que Elhajji (2001) observa a importância da informação como uma verdadeira revolução social, comparada com a invenção da roda, da imprensa e da moeda, acontecimentos capazes de tornar o sujeito cada vez mais abstrato, num processo de desencaixe do tempo-espaço.

Para o autor, o papel central da comunicação nessa nova ordem sócio-tecnológica criou uma base material e discursiva tão inédita para o desenvolvimento das atividades humanas no sistema social e tão específica historicamente, que acabou impondo a sua própria lógica à maioria dos processos sociais e condicionando, de maneira fundamental e irreversível, toda a estrutura da sociedade humana. As relações sociais de produção, por exemplo, não consistem mais em uma ação sobre as pessoas e as coisas, mas sim em uma interação entre as pessoas e a informação; ou melhor, numa proliferação de signos cada vez mais independentes agindo sobre o mundo e as pessoas.

Neste sentido, o indígena passa a ser alvo constante do discurso negacionista do bolsonarismo e alvo de uma desconstrução identitária com a liberação de suas terras ao garimpo ilegal e falas que não refletem a realidade das aldeias, como a afirmação de que é o índio que se interessa por garimpo<sup>8</sup>.

Aqui a noção de reparação histórica para povos originalmente relegados se descontrói. Para o bolsonarismo índio só será gente quando se aproximar culturalmente das características do homem branco. E essa noção de esquecimento foi demonstrada quando as aldeias foram simplesmente esquecidas quando do avanço da pandemia. Ao indígena cabia a saída de se deslocar da aldeia e procurar ajuda nas cidades próximas, já que os postos de saúde indígenas foram desativados com uma política de desmonte da vida indígena.

### 2.2.1. O panorama do índio pelo discurso bolsonarista durante a pandemia da Covid-19 – Análise de Discurso Crítica

Em um momento de críticas internacionais à política ambiental no Brasil, por causa das queimadas da Amazônia e do Pantanal, Bolsonaro, em discurso na ONU (2020) culpou os caboclos e os índios pelas queimadas e classificou o fato de inevitável. Disse que o Brasil alimenta o mundo respeitando o meio ambiente, mas é vítima de uma campanha internacional, com apoio interno.

O apoio interno a que se refere Bolsonaro está ligado aos outros partidos políticos, ONGs e à imprensa, que ao exporem a realidade de descaso com esses assuntos são nomeados de inimigos ou agressores contra Bolsonaro que se coloca como vítima de uma constante conspiração. Com esse tipo de afirmação Bolsonaro vai construindo durante o seu governo uma reafirmação à representação social do índio escrita ao longo da história.

No mesmo discurso, o Presidente afirmou que a mídia é culpada pelo caos no Brasil durante a pandemia da Covid-19, ao defender lemas como o “fique em casa” e “a economia a gente vê depois”. Para o

8. É muita terra para pouco índio. Revista Exame. <https://exame.com/brasil/e-muita-terra-para-pouco-indio-diz-bolsonaro/>

presidente, a mídia é responsável pelas perdas econômicas ao defender o isolamento social, o trabalho e a educação em sistema remoto ou qualquer ação que vise a diminuição de circulação de pessoas nas ruas. (Jornalismo TV Cultura, 2020).

Apesar da maioria absoluta dos governantes mundiais ter escolhido se expor e enfrentar os debates necessários para o combate à crise climática na Conference Of the Parties - COP26<sup>9</sup>, o presidente Jair Bolsonaro escolheu não participar e ainda criticou a ativista indígena brasileira Txai Suruí, que discursou representando os povos originários. Com uma fala sexista e misógina, Bolsonaro afirmou que “levaram uma mulher pra lá, uma índia, para atacar o Brasil”. Durante a declaração de Bolsonaro é possível ouvir a voz de apoiadores e uma voz feminina que diz: “pelo amor de Deus”, quando o presidente pronunciou o nome da ativista indígena. Txai rebateu as críticas e disse que “eu não vim para cá atacar o Brasil, eu vim para cá para trazer a realidade dos povos indígenas do Brasil e exigir que o Brasil demarque os territórios indígenas”. (Jornal da TV Cultura, 2021)

A prática já se tornou comum para o presidente, em uma clara postura de que a melhor defesa é o ataque, sobretudo quando não há argumentos, ficando notório o ataque para descredenciar as falas daqueles que expõem os problemas do meio ambiente do Brasil, com ênfase para quando se trata de mulheres a exporem suas ideias, situações em que o presidente eleva o tom da agressividade.

Anteriormente, em 18 de fevereiro de 2020 o presidente, em entrevista diante de um grupo de apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada, insultou a jornalista Patrícia Campos Mello, da Folha de S.Paulo, dizendo que “ela queria dar o furo a qualquer preço”, (UOL Notícias, 2020) em um trocadilho machista que ligava o termo “furo jornalístico”, expressão própria do ineditismo, à um cunho sexual para o fato da repórter, no exercício de sua profissão querer divulgar notícias negativas sobre o governo. Destaca-se que a fala foi acompanhada por risos e gargalhadas do presidente e seus simpatizantes.

Além disso, também agrediu a ativista Sueca, Greta Thunberg, chamando-a de pirralha. O incidente que ganhou repercussão internacional começou porque Greta, de 16 anos de idade à época, declarou em uma rede social que os índios (do Brasil) estão sendo assassinados por proteger a floresta do desmatamento ilegal, referindo-se à morte de dois índios Guajajara<sup>10</sup> no Maranhão.

Diante da declaração, a imprensa brasileira questionou se Bolsonaro estava preocupado com as mortes dos índios. Sua resposta não teve foco nas mortes dos índios, mas sim na fala da ativista, e respondeu: “A Greta já falou que os índios morreram em defesa da Amazônia (risos). É impressionante a imprensa dar espaço para uma pirralha como esta aí”. Greta reagiu, colocando em suas redes sociais a palavra “pirralha”. Mas Bolsonaro disse que não discutiria mais o assunto dessa “pirralha”. (Globo Play, 2019)

Objetivando discutir como os brasileiros foram afetados pela Covid-19 e fazer uma conexão com o trabalho e as reflexões de organizações ambientais e escritores no Reino Unido, a Global Canopy e o Centro de Florestas Tropicais Oxford realizaram no dia 19 de maio de 2021 o webinar intitulado “Bolsonaro e as crises climáticas e da Covid-19 no Brasil”, mediado por Jon Watts, editor de meio ambiente global do jornal britânico The Guardian, com a participação de cientistas, ativistas e jornalistas, nas línguas portuguesa e inglesa. (Revista Cenarium, 2021)

No evento, a coordenadora de políticas e leis do instituto socioambiental (ISA) e membro coordenadora do Observatório do Clima, Adriana Ramos, destacou que desde o seu primeiro mandato parlamentar, em 1991, durante sua campanha para presidente e agora como líder da nação brasileira, o capitão reformado Jair Messias Bolsonaro, tem instituído políticas que caminham contra projetos de conservação e uso sustentável da floresta. “O presidente Bolsonaro pauta sua visão sobre a Amazônia

---

9. A 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (**COP26**) aconteceu entre os dias 31 de outubro a 12 de novembro de 2021, em Glasgow, na Escócia.

10. Os *Guajajara* são um dos povos indígenas mais numerosos do Brasil. Habitam mais de 10 Terras Indígenas na margem oriental da Amazônia.

em teorias conspiratórias, alimentadas, principalmente, no meio militar, segundo as quais a defesa do meio ambiente, os direitos dos povos indígenas e de outras comunidades tradicionais são fomentados por interesses internacionais contra o desenvolvimento do Brasil”. (Revista Cenarium, 2021)

No mesmo evento, a pesquisadora associada ao Instituto de Mudanças Climáticas, Erika Berenguer chamou a atenção para os cortes de investimento na ciência imposto pelo presidente Bolsonaro. (Revista Cenarium, 2021)

A fala é importante para lembrarmos que durante a epidemia da Covid-19, e o processo de discussão sobre o clima do planeta, o Presidente Bolsonaro fez um drástico corte de verbas para pesquisas no Brasil, impactando nas Universidades, Centros e Institutos de Pesquisa nas mais várias áreas do conhecimento.

Ainda no evento, Sonia Guajajara, líder indígena brasileira e coordenadora da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), salientou os desafios enfrentados pelas comunidades indígenas, principalmente em tempos de Covid-19, salientando que o enfrentamento dos indígenas não é de hoje, mas se acirra de forma muito mais drástica no governo Bolsonaro. Textualmente, Sonia afirma que: “Os ataques e a tentativa de calar a boca de quem está lutando são como vários vírus que estão totalmente interligados. O primeiro vírus que temos que combater é o próprio governo federal e sua conjuntura política que só promove o acirramento de conflitos”. (Revista Cenarium, 2021)

O Governo Bolsonaro, seus assessores e seus apoiadores possuem uma clara tendência a não dar importância para tudo o que é veiculado por nenhuma mídia que não seja a deles próprios, ou seja, a mídia oficial do governo pautada em lives gravadas em sua residência ou falas expressadas na porta do Palácio da República, momentos em que o Presidente está sempre acompanhado por apoiadores, militantes, simpatizantes ou outros membros de seu governo.

É comum que o presidente se utilize de seus assessores para expressar suas ideias à sociedade. Quando é acusado pelas feministas, de misógino, por exemplo, a Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damaris Alves faz algum tipo de pronunciamento colocando como frente o fato de ser mulher e representante do governo.

Em 02 de novembro de 2021, a fim de minimizar o impacto das constantes informações sobre o descaso com os indígenas com relação à vacinação da Covid-19, a Agência Brasil, ligada ao Governo Federal publicou uma matéria em que Damaris teria conversado com o diretor geral da OMS e que Tedros Adhanom teria entendido os desafios logísticos do Brasil em vacinar comunidades isoladas e citado o SUS – Brasil como um exemplo de saúde pública. Nota-se que, de fato, o Sistema único de Saúde é elogiado por Adhanom, o que não quer dizer que a forma de combate à pandemia seja um modelo, muito pelo contrário, em sua página do Twitter Adhanom, em referência ao encontro com a Ministra Damaris escreve: “Conversa sobre a importância de uma forte atenção à saúde da mulher, da criança, da família, garantindo os direitos aos grupos vulneráveis, incluindo os povos indígenas de receber a vacina da Covid-19”. (Agência Brasil, 2021)

Esse tipo de matéria produzida pelo Governo é muito comum, onde a ênfase é deturpada e a escrita é enviesada, com uma tendência a descontextualizar e recortar somente as falas que favorecem o discurso do próprio governo.

## **Considerações Finais**

Os resultados da primeira coleta indicam que se o brasileiro médio apresenta receio da Covid-19 e de certo modo até medo da morte por causa da possibilidade de contaminação, na segunda coleta esse medo parece existir apenas na população, já que no discurso da maior autoridade do país, o Presidente

da República, esse medo que deveria ser respeitado e direcionado a comportamentos adequados para evitar a contaminação, não existe, afinal a Covid-19 é apenas uma “gripezinha”<sup>11</sup> e se você for atleta não vai acontecer nada, segundo o Presidente da República, o senhor Jair Messias Bolsonaro.

Com essas declarações, digamos pouco ao nada adequadas, a pandemia no Brasil tomou formas alarmantes e já ceifou a vida de mais de 668<sup>12</sup> mil pessoas, mais do que o total da população do arquipélago de Cabo Verde, das quais muitos negros, brancos, mulheres, homens e indígenas, já que as aldeias foram esquecidas e ao contrário do esperado, aos povos da floresta foram enviados comprimidos de hidroxicloroquina, medicamento cientificamente ineficaz contra a Covid-19.

Não é conhecido o número oficial de mortes de indígenas por Covid-19 no Brasil, tendo em vista que muitos dados são camuflados pelo Ministério da Saúde, além disso, considera-se para a contagem apenas os que morrem em territórios demarcados, excluindo todos os que vivem e morrem em terras ainda à espera de demarcação. Assim, os números variam entre 900 a 1311 indígenas mortos até junho de 2022<sup>13</sup>.

As pesquisas demonstraram que a população brasileira se sentiu, e acreditamos ainda se sentir assustada com a pandemia.

Com um discurso controverso e, sobretudo, negacionista, no sentido de negar a ciência, os fatos, os especialistas, o bolsonarismo acredita na terra plana, que toda cor vermelha é comunista e que todo mundo que mora na floresta passa fome, conforme afirmou Joaquim Leite, ministro do Meio Ambiente do Brasil na COP26<sup>14</sup>. Talvez para vender uma ideia de que desmatar é a saída.

O negacionismo reflete ações do presente e refuta políticas públicas que se referem ao passado. Ao desclassificar os povos indígenas, o bolsonarismo desclassifica a história do Brasil; seus povos originais e descompromete-se das políticas de reparação em relação a estes povos. Políticas que garantem demarcações de terra; autonomia aos povos indígenas; a vida e a manutenção da cultura e do *ethos* dessas populações. Ao agir desta forma, as políticas públicas do Governo Federal se mostram anti-reparadoras daquilo que deixamos de fazer no passado.

Ao negar a importância, nega sua existência. Mas como afirmar a inexistência daquilo que existe? Não é possível. Então vamos garanti-la exterminando-a.

Assim o bolsonarismo atribui a todos e a tudo que não é ideologicamente e politicamente seus aliados uma sentença.

Ao contrário do filme “A morte lhe cai bem” (David Koebe, 1992), na vida real não será possível ressuscitar. E ao negar a vacina, a máscara, o isolamento social como medidas protetivas contra o contágio e defender que deveríamos todos nos contaminar para atingir a imunidade de rebanho pelo contágio como forma de controle da pandemia, o bolsonarismo assume o risco de que a morte, neste caso, nos cai bem.

Apesar de um discurso garantidor da vida e das diferenças, o bolsonarismo camufla sua fala e atribui ao outro (à mídia, por exemplo) os problemas da sua incapacidade de gestão. Assim, sempre será culpa do outro, as mortes pela Covid-19, as queimadas na Amazônia, a morte dos indígenas...

---

11. Forma incorreta do diminutivo da palavra gripe já explicada na nota de rodapé 3 deste artigo. O Diminutivo da palavra gripe é gripinha.

12. Em junho de 2022, o número de mortes por Covid-19 no Brasil chegou a 668.744, segundo dados do G1: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/15/brasil-registra-340-mortes-por-covid-em-24-horas.ghtml>

13. De acordo com a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), houve o registro de 900 óbitos de indígenas, mas na contagem dos povos indígenas, esse número é de 1311 óbitos de indígenas por Covid-19, até junho de 2022. Isso mostra uma fragilidade no sistema de informação. Dados da Fiocruz disponíveis em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/06/02/coronavirus-e-so-uma-das-muitas-ameacas-as-populacoes-indigenas-aponta-fiocruz.ghtml>

14. COP26 foi a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas realizada em Glasgow (Reino Unido) entre os dias 31 de outubro e 12 de novembro de 2021. Sob o lema: *Unindo o mundo para enfrentar as mudanças climáticas*, reuniu representantes de cerca de 200 governos com o objetivo de acelerar a ação climática para cumprir o Acordo de Paris.

Ainda não é dessa vez que as lindas frases do Hino Nacional Brasileiro (1831) se tornam reais e continuamos então a esperar que o “Gigante pela própria natureza, belo, forte, impávido colosso, ouça de um povo heroico o brado retumbante, na esperança de que o sol brilhe na pátria nesse instante e o penhor da igualdade se conquiste com braço forte”, pois hoje, o que se clama, em tempos do populismo e do negacionismo bolsonarista, diante da pandemia da Covid-19 é apenas um Salve! Salve!

## Bibliografia

- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In: Moreira, A.S. P; Oliveira, D. C. de. *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: Ed. AB.
- Andrade, F. de S. (2001). *O mapa da tradição. Especial para a o Jornal Folha de S. Paulo*. Editoria Mais. pp. 18-19. 22 abr. 2001.
- Arendt, H. (1997). *Verdade e Política: Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Contexto.
- Bolsonaro critica ativista indígena Txai Suruí. Jornal da TV Cultura. 04 nov. 2021. [https://www.youtube.com/watch?v=\\_h4RkTBk-qI](https://www.youtube.com/watch?v=_h4RkTBk-qI)
- Bolsonaro insulta repórter da folha: “ela queria dar o furo”. UOL Notícias, 18 fev. 2020. <https://noticias.uol.com.br/videos/2020/02/18/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-ela-queria-dar-o-furo-0402CD99366AD8B96326.htm>
- Borges, P. H. P. (1999). *Uma visão indígena da história*. Cadernos CEDES. São Paulo, Ano XIX. n. 49. Dez.
- Cunha, M. C. (2012). *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania*. São Paulo: Claro Enigma.
- Dameres conversa sobre vacinação de indígenas com diretor-geral da OMS. Agência Brasil. 02 nov. 2021. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-11/dameres-conversa-sobre-vacinacao-de-indigenas-diretor-geral-da-oms>
- Dobyns, H. F. (1966). *Estimating Aboriginal American Population: An Appraisal of Techniques with a New Hemispheric Estimate*. Current Anthropology, vol. 7, n. 4, pp. 395-416. <https://www.jstor.org/stable/2740306>.
- Elhajji, M. (2001). *Da semiose hegemônica ocidental*. Rio de Janeiro: Eco-Rizhoma.
- Fairclough, N. (2016). *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB.
- Hino Nacional Brasileiro. (1831). **Letra:** Joaquim Osório Duque Estrada. **Música:** Francisco Manuel da Silva. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/hino.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm).
- Jair Bolsonaro chama jovem ativista sueca Greta Thunberg de pirralha. Globo Play. 11 dez. 2019. <https://globoplay.globo.com/v/8155779/>

Jornalismo TV Cultura. Em discurso na ONU, Bolsonaro culpa indígenas pelas queimadas no Pantanal. 22 set. 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=PvNVzAFvEf4>>.

Mattos, S. (2005). *Mídia controlada: A história da censura no Brasil e no mundo*. São Paulo: Paulus.

O índio está evoluindo e cada vez mais é um ser humano igual a nós! Jornal Diário de Notícias. 24 jan. 2020. <https://www.dn.pt/mundo/o-indio-esta-evoluindo-e-cada-vez-mais-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-video-11742747.html>.

Representantes da sociedade civil apontam falhas de Bolsonaro no enfrentamento às crises climática e da Covid-19. Revista Cenarium. 19 mai. 2021. <https://revistacenarium.com.br/representantes-da-sociedade-civil-apontam-falhas-de-bolsonaro-no-enfrentamento-as-crisis-climatica-e-da-covid-19/>

Tuzzo, S. A. & Braga, C. F. (2016). O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 4(5), 140–158. Recuperado de <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/38>

Vergès, P. (2002). *Ensemble de Programmes Permettant L'Analyse des Evocations*. EVOC 2000. Manuel. Version 5. 2002. <http://pucsp.br/pos/ped/rsec/evoc.htm>